

# Resenha do livro: “O que amar quer dizer”, de Mathieu Lindon

*Flavia Bruno*<sup>1</sup>

LINDON, M. **O que amar quer dizer?** (Trad. Marília Garcia), São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Uma homenagem é um gesto de grandeza. Quando um pensador é homenageado, a grandeza se faz multiplicar, posto que um pensador, se for digno deste nome, é alguém que ativamente trouxe ao mundo a mais bela das experiências: a experiência de pensar; quando o homenageado é Michel Foucault, uma alegria íntima invade todos aqueles que leram suas obras e que perceberam, como diz Deleuze, que com elas “algo de novo, de profundamente novo, nasceu na filosofia”.

Mathieu Lindon cumpre essa tarefa em sua obra “O que amar quer dizer”, em que relata os seis anos de próxima e intensa convivência com o renomado filósofo francês. Pelo título que ele dá à sua obra, vê-se claramente, de saída, que não se trata simplesmente de um relato biográfico, mas antes de uma homenagem que ganha a mais alta dimensão, pois que implica dizer: homenagem Foucault, em razão de que com ele compreendi o que amar quer dizer.

Ora, quando se retrata uma relação de amizade com um intelectual é esperado ouvir que, com ele ou a partir dele, conceitos foram explicados, questões foram problematizadas, teorias desenvolvidas; pode-se ainda esperar observações sobre os espaços acadêmicos, sobre as predileções literárias ou como se dava o seu ritmo de trabalho; se pessoalmente o pensador tiver as qualidades ditas virtuosas, esse tipo de homenagem com frequência suscita comoventes histórias de favores, gentilezas e benevolência. Mas Lindon não faz essa narrativa; nada disso está presente no livro. Quase pode-se dizer que o leitor chega a ficar frustrado quando a curiosidade sobre a vida intelectual ou mesmo a vida privada do filósofo não é satisfeita.

O objetivo do autor é mostrar que o seu encontro com Foucault lhe salvou a vida, e lhe ensinou o que amar quer dizer. Diz ele a propósito do tempo de convivência entre os dois, que se estendeu até à morte do filósofo: “Hoje me dou conta de aquele período foi responsável por mudar a minha vida, foi a bifurcação que me fez abandonar um destino que me conduzia ao abismo” (LINDON, 2014, p. 14). Daí o título do livro que é escrito em 2011, portanto, 27 anos após a morte de Foucault (“é preciso tempo para compreender o que amar quer dizer” (LINDON, 2014, p. 15)). Por meio desse encontro que foi pra ele uma “bondade ativa”, Lindon pode construir uma nova existência: menos dramática e mais serena.

Agradecido pelo que recebeu, encantado com o que viveu, o autor encontra na escrita o único meio adequado de compartilhar com aqueles que, mesmo a distância, também puderam ser alvos dessa bondade ativa e, também de certa forma, ter a vida modificada por ser um leitor de Michel Foucault. Diz ele: “Sou vagamente grato a Michel, não sei exatamente por quê, talvez por uma vida melhor. A gratidão é um sentimento suave demais para se guardar: é preciso desvencilhar-se dele, e um livro é o único meio honroso de fazê-lo, o único

---

1 Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. professora adjunta da Faculdade de São Bento, professora adjunta da Sociedade Brasileira de Instrução / Universidade Cândido Mendes E-mail: profabruno@gmail.com

comprometedor” (LINDON, 2014, p. 14).

Ainda assim, Lindon expressa a sua dúvida, sua insegurança sobre o sucesso de sua empreitada e chega a se perguntar sobre a eficácia da homenagem em um livro sobre Foucault, “ele, a quem seus próprios livros prestam mil vezes mais homenagem do que outras pessoas seriam capazes de fazer” (LINDON, 2014, p. 22-23).

Sim, todos os que sabem a importância de um pensador como Michel Foucault concordam com suas homenagens e se entusiasmam com elas. Mais do que isso, se entusiasmam com a gratidão do outro que é também, a seu modo, a expressão de sua própria gratidão. Mas este livro não é uma defesa de seu pensamento ou uma forma de eternizá-lo na memória. É um livro sobre o amor, sobre um sentido próprio, particular do amor.

Numa primeira leitura, parece que a repetição dos relatos, quase todos de experiências com ácido lisérgico no apartamento da Rue de Vaugirard, impede de encontrar a beleza da promessa inicial do livro. Onde estão os diálogos definitivos? Onde estão os acontecimentos impactantes? Não se encontram. Lindon não relata nenhum grande acontecimento, nenhuma frase espetacular; na verdade, nem mesmo há uma história para contar. Por exemplo: o autor diz que em relação a qualquer coisa pedia a Foucault conselhos (LINDON, 2014, p. 84). Então, o leitor fica esperando ouvir alguns desses conselhos, fica esperando que alguns desses momentos sejam descritos, mas não é o que acontece.

Ou seja, a obra de Lindon não trata o amor como um acontecimento ruidoso, que remeta a muitos dias, muitas conversas, muitos episódios, mas permite pensá-lo como um acontecimento silencioso que desconstrói o que você é para te propiciar um outro mundo. Tudo isso vem discretamente e aqueles que estão envolvidos nem se dão conta do que está acontecendo. Quando o sujeito se dá conta, sua vida já ganhou tanto em intensidade, em grandeza, em dimensão, que se é tirado de uma banalidade previsível, de um destino fatalmente abissal e um embrutecimento cede lugar a uma estranha felicidade.

Haveria algo mais bonito a se viver? Experimentar não uma conservação dos seus afetos, mas antes um aperfeiçoamento deles (LINDON, 2014, p. 183), ou ainda e mais do que isso, melhor do que isso, desenvolver uma estrutura necessária para lidar com afetos que ainda estão por vir (LINDON, 2014, p. 197). Dito de outro modo, o amor é “quando alguém enriquece infinitamente sua existência” (LINDON, 2014, p. 24).

Claro, esta beleza não pode mesmo ser expressa. Ela é da ordem das intensidades e não da extensão. Logo, não há como demonstrá-la, apenas sugerir-la, pontuá-la, torná-la visível o mínimo possível, o suficiente para ser perscrutada. É aqui que a linguagem falha. Há um cansaço próprio da linguagem que não pode dizer o que é esta força que atravessa e modifica uma existência. A linguagem é insuficiente e quase só a repetição da mesma cena pode ser dita, quase só há lugar para a tautologia.

Ocorre a perversão da lógica assim como ocorre a perversão do tempo. Diz Lindon: “Todos os dias espero os momentos em que ele surge em mim e me reconforta apenas com a sua existência passada” (LINDON, 2014, p. 221). O amor está fora do tempo, fora dos dias, mas, paradoxalmente, ele invade todos os instantes da existência, incluindo os instantes futuros.

No Fedro, Platão diz que o amor é um tipo de loucura: “aquele que é possuído pela loucura é encontrado um alívio diante dos males do presente” (LINDON, 2014, p. 47), uma forma de salvação, portanto. Eis o sentido da assertiva: “compreendi que ele foi o amigo que me salvou a vida” (LINDON, 2014, p. 190).

O amor, tal como é apresentado por Lindon, se torna uma força contra mil deprecições do mundo (a realidade, a moral, os laços paternos, os valores comuns), deprecições estas

que o teriam capturado para uma outra vida. Antes do encontro com Foucault foram os livros que lhe protegeram, ainda que lhe perturbassem de forma doentia (LINDON, 2014, p. 13). Ele encontrava refúgio nos livros pois estes lhe davam um outro universo, à parte do mundo real. Um outro possível, tão necessário para sair dos constrangimentos da existência mais comum. O encontro com Foucault expulsa as reatividades e se torna o lugar de uma afirmação, capaz de substituir as forças enfraquecedoras, algo como uma recusa definitiva de tristeza.

O amor assim experimentado passa a ser um ímpeto vital, um movimento em direção à beleza; uma proteção contra o mundanismo ou mesmo um resgate desse mundo. De certo modo, a lição de Platão, a lição maior da Filosofia. Lindon não era filósofo e conta nem mesmo assistir aos cursos de Foucault (suas aulas no College de France eram abertas ao público, mas ele tinha a impressão que Foucault não gostaria que ele as frequentasse (LINDON, 2014, p. 121)). O que a filosofia dá desde sempre é, de certo modo, encontrado por Lindon por meio do amor. O amor e a filosofia (é Platão quem assim os aproxima) teriam a função de apartar o homem da opinião e da vulgaridade, para ser impulsionado rumo ao gozo da beleza.

O estudo da filosofia é sempre um convite à renovação deste ímpeto vital, à descortinação de novos mundos, de novas experiências, de uma nova vida mesmo. Uma ascese, de todo modo, posto que, por meio da beleza, ou por meio de sua sede de beleza, eleva o sujeito. É a experiência que perdura toda uma vida. Lindon se inquieta com essa duração. Pergunta ele: “quando o amor dura, ainda é amor? No momento em que finalmente se tornou o que há de melhor neste mundo?” (LINDON, 2014, p. 22).

Este sentido do amor, revelado pela obra de Michel Lindon, o coloca na condição de ultrapassar o que há de intolerável no mundo. Quer dizer, ele, assim pensado, é uma força encoberta que reage ao intolerável, permitindo ao sujeito não ser capturado por suas circunstâncias, suas misérias, suas angústias profundas, suas pequenas mortes cotidianas. Em razão disso, ele se torna absolutamente decisivo para uma vida. Que alegria saber que algo tão grandioso e mesmo inesperado pode nos atravessar, exercer em nós, de modo eficaz, um modo de resistir, de escapar e nos levar a novos agenciamentos.

Assim, o encontro com Michel Foucault não é um encontro qualquer. Sua amizade com Lindon se inscreve numa dimensão singular e sua perda provoca uma dor inefável. Neste sentido, sua falta não se limita a seus amigos, alunos ou leitores. Como diz Lindon, “se Michel me faz falta, julgo que também faça a milhões de pessoas, quer elas saibam, quer não, pois sua voz e sua inteligência teriam sido eficazes contra mil degradações do mundo” (LINDON, 2014, p. 193-194).

## Referências

LINDON, M. **O que amar quer dizer?** (Trad. Marília Garcia), São Paulo: Cosac Naify, 2014.